

Angústia e identificação

Piera Aulagnier

Examinando o destino da angústia e sua relação com a identificação nas várias modalidades de organização psíquica, esta conferência ilumina de modo original as diferenças e semelhanças entre elas.

Quando das últimas jornadas regionais, diversas intervenções voltaram-se para a questão de saber se cabe definir diferentes tipos de angústia. Assim, questionou-se por exemplo, se conviria conceder um estatuto particular à angústia psicótica. Digo de imediato que tenho uma visão um pouco diferente: quer a angústia apareça no sujeito dito normal, no neurótico ou no psicótico, ela me parece responder a uma situação específica e idêntica do ego, e é exatamente nisso que a meu ver consiste um de seus traços característicos.

Afeto, angústia e palavra

Quanto ao que se poderia chamar a posição do sujeito diante da angústia, por exemplo na psicose, pôde-se ver que, se não procurarmos definir melhor as

relações entre afeto e verbalização, podemos chegar a um tipo de paradoxo que se manifestaria da seguinte maneira: de um lado, o psicótico seria alguém particularmente sujeito à angústia - uma das principais dificuldades do seu tratamento estaria exatamente na resposta "em espelho" por ele suscitada no analista; por outro lado, foi-nos dito que o psicótico seria incapaz de reconhecer sua angústia, que ele a manteria à distância, que se alienaria dela.

Enuncia-se assim uma posição que se torna insustentável, se não tentarmos ir um pouco além. De fato,

Esta conferência, inédita em português, foi lida no seminário de Lacan sobre "A Identificação", em 2 de maio de 1962. Encontra-se, em francês, nas páginas 3-21 da transcrição datilografada deste seminário. Uma versão italiana saiu na *Rivista Sperimentale di Freniatria e Medicina Legale delle Alienazioni Mentali*, 89:1, p. 13-30, 1965. *Percurso* agradece à Profa. Dra. Maria Lucia V. Violante, da PUC/SP, a indicação e a tradução deste texto precioso. Colaboraram na tradução Mônica Galliano Hennes e Renato Mezan.

o que poderia significar “reconhecer a angústia”? Ela não espera e não tem necessidade de ser nomeada para submergir o ego, e não compreendo o que buscaríamos expressar dizendo que o sujeito está angustiado sem saber disso. Pode-se mesmo perguntar se o caráter próprio da angústia não reside justamente no fato de ser impossível defini-la enquanto a vivemos: o diagnóstico, o nome, só pode vir do lado do Outro, daquele frente a quem a angústia aparece.

O sujeito é o afeto-angústia; ele a vive de modo total, e esta impregnação, esta captura do ego que se dissolve na angústia, é propriamente o que impede a mediação pela palavra.

Podemos, neste nível, fazer um primeiro paralelo entre dois estados que, embora diferentes, parecem representar duas posições extremas do ego, opostas e ao mesmo complementares: refiro-me à angústia e ao orgasmo. Neste segundo caso, há a mesma incompatibilidade profunda entre a possibilidade de vivê-lo e a possibilidade de tomar a distância necessária para reconhecê-lo e defini-lo no aqui e agora da situação desencadeada. Dizer que se está angustiado indica, por este próprio fato, já ter podido tomar uma certa distância em relação à vivência afetiva, o que mostra que o ego já adquiriu um certo domínio e uma certa objetividade frente a um afeto do qual, a partir deste momento, pode-se duvidar que mereça ainda o nome de angústia. Não é necessário aqui lembrar o papel metafórico e mediador da palavra, nem a distância existente entre uma vivência afetiva e sua tradução verbal.

A partir do momento no qual o homem coloca em palavras seus afetos, ele justamente transforma-os em outra coisa: pela palavra, ele os torna um meio de comunicação, os faz entrar no domínio da relação e da intencionalidade; transforma em comunicável aquilo que foi vivido no nível do corpo, e que, como tal,

permanece em última análise na ordem não-verbal. Todos sabemos que dizer que amamos alguém não

A angústia responde a um momento em que a chave da palavra já não abre coisa alguma.

guarda mais do que relações longínquas com aquilo que, em função deste mesmo amor, é sentido no nível do corpo. Dizer a alguém que o desejamos, lembrava-nos Lacan, é incluí-lo no nosso fantasma fundamental; é também, sem dúvida, torná-lo testemunha do nosso próprio significante. Diga-se o que se disser sobre este assunto, ele nos mostra sempre a distância entre o afeto enquanto emoção corporal, interiorizada, algo que tira sua fonte mais profunda daquilo que por definição, não se pode expressar em palavras, ou seja, o fantasma - a distância que existe entre isto e a palavra, que nos aparece assim em toda a sua função de metáfora.

Se a palavra é a chave mágica e indispensável, a única que pode permitir-nos entrar no mundo da simbolização, penso que justamente a angústia responde a um momento no qual esta chave não abre mais nada, no qual o ego tem de enfrentar o que está atrás ou à frente de qualquer simbolização; no qual o que aparece é o que não

tem nome, “esta figura misteriosa”, este “lugar de onde surge um desejo que não se pode mais apreender”; no qual se produz para o sujeito uma telescopia entre fantasma e realidade. O simbólico se esvanece para deixar lugar ao fantasma enquanto tal, o ego se dissolve nele, e é esta dissolução que chamamos *angústia*.

A angústia na análise

O psicótico seguramente não espera a análise para conhecer a angústia. Também é certo que para qualquer pessoa a relação analítica é, neste domínio, um terreno privilegiado. Nada há de espantoso nisso, se admitirmos que a angústia tem as mais estreitas relações com a identificação. Ora, se a identificação tem a ver com algo que se passa no nível do desejo, desejo do sujeito em relação ao desejo do Outro, torna-se evidente que a principal fonte da angústia na análise vai se encontrar no que é a própria essência desta última: o fato de que o Outro é, neste caso, alguém cujo desejo mais fundamental é não desejar, alguém que por isso mesmo, ao permitir todas as projeções possíveis, desvenda-as igualmente em sua subjetividade fantasmática e obriga o sujeito a se perguntar periodicamente qual é o desejo do analista, desejo sempre presumido, jamais definido, e que por isso mesmo pode a qualquer instante tornar-se o lugar do Outro de onde surge a angústia para o analisando.

Mas antes de tentar definir os parâmetros da situação ansiogênica, parâmetros que só se podem delinear a partir dos problemas próprios à identificação, pode-se colocar uma primeira questão de ordem

mais descritiva, a saber: o que entendemos quando falamos de angústia oral, angústia de castração, angústia de morte? É impossível discriminar estes termos diferentes no nível de uma classificação quantitativa; não existe um angustiómetro, não se está pouco ou muito an-

O aparecimento da angústia assinala o desmoronamento momentâneo das referências identificatórias.

gustiado: ou se está ou não se está angustiado. A única via de resposta neste nível é nos colocarmos no lugar que nos convém: o de alguém que só pode definir a angústia do sujeito a partir do que esta angústia lhe suscita. Se é verdade, como foi observado por Lacan, que é muito difícil falar de angústia enquanto sinal no nível do sujeito, parece-me certo que sua aparição assinala o Outro como fonte, como lugar de onde ela surgiu.

Não é talvez inútil lembrar a este respeito que não existe afeto pior de suportarmos no outro do que a angústia, que não há afeto frente ao qual corramos mais o risco de responder de modo paralelo. O sadismo ou a agressividade podem, por exemplo, suscitar no parceiro uma reação inversa, masoquista ou passiva; a angústia só pode provocar ou a fuga ou a angústia. Há aqui

uma reciprocidade de resposta que não deixa de suscitar uma questão.

Lacan protestou contra a tentativa, feita por muitos, de pesquisar um "conteúdo da angústia". Isto me lembra o que ele havia dito a respeito de um outro assunto: por exemplo, para tirar um coelho de dentro de uma cartola, seria preciso primeiro tê-lo colocado dentro dela. Eu me pergunto se a angústia não aparece justamente não apenas quando o coelho saiu, mas também quando fugiu: quando a cartola não representa apenas alguma coisa que lembra uma tora, mas algo que circunda um lugar escuro do qual se evaporou todo conteúdo nomeável, diante do qual o ego não tem mais qualquer ponto de referência, pois a primeira coisa que se pode dizer da angústia é que seu aparecimento é sinal do desmoronamento momentâneo de qualquer referência identificatória possível.

Somente partindo daqui poderemos, talvez, responder à pergunta que me fazia há pouco quanto às diferentes denominações a dar à angústia; e não no nível da definição de um conteúdo, pois o próprio do sujeito angustiado, poder-se-ia dizer, é ter perdido o seu conteúdo.

Em outros termos, não me parece que se possa tratar da angústia enquanto tal. Fazer isto parece-me tão errôneo quanto, por exemplo, querer definir um sintoma obsessivo permanecendo no nível do movimento automático que o pode representar. A angústia só pode ensinar-nos alguma coisa sobre sua natureza se a considerarmos como consequência, como resultado de um impasse no qual se encontra o ego, sinal para nós de um obstáculo surgido entre estas duas linhas paralelas e fundamentais cujas relações formam a dobradiça de toda

estrutura humana: a identificação e a castração. É a partir da relação entre estes dois pivôs estruturantes nos diferentes sujeitos que vou procurar esboçar uma definição do que é a angústia, daquilo de que, segundo o caso, ela nos dá um testemunho.

Do lado da castração: o gozo

Lacan, no seminário de 4 de abril, ao qual me refiro ao longo desta exposição, disse-nos que a castração poderia ser concebida como uma "passagem transicional entre o que está no sujeito enquanto suporte natural do *desejo*, e esta habilitação pela lei, graças à qual ele vai tornar-se a senha através da qual ele, sujeito, vai se designar no lugar onde deve se manifestar como *desejo*."

Esta passagem transicional é o que deve permitir atingir a equivalência pênis-falo. Isto significa que aquilo que, como suporte natural, era o lugar onde se manifesta o desejo enquanto afeto, enquanto emoção corporal, deve ceder espaço para um significante. Pois é somente a partir do sujeito, e jamais a partir de um objeto parcial, pênis ou outro qualquer, que a palavra *desejo* pode ganhar um sentido. O sujeito demanda e o falo deseja - dizia Lacan - o falo, mas nunca o pênis. O pênis é apenas um instrumento a serviço do significante falo, e pode ser um instrumento muito indócil justamente porque, enquanto falo, é o sujeito que ele está designando. Para que as coisas funcionem, é preciso que o Outro justamente o reconheça, o escolha, não em função deste "suporte natural", mas na medida em que ele é, enquanto sujeito, o significante que o Outro reconhece de seu próprio lugar de significante.

O que, no plano do gozo, diferencia o ato masturbatório do coito, diferença evidente mas impossível de explicar fisiologicamente, é o seguinte. Na medida

em que os dois parceiros tenham podido, na sua história, assumir sua castração, o coito faz com que, no momento do orgasmo, o sujeito reencontre, não como dizem alguns, um tipo de fusão primitiva - pois, afinal, nada exige que o mais profundo gozo de que o homem é capaz deva forçosamente estar ligado a uma regressão também total - mas, ao contrário, o coito faz com

Por sua resposta, o Outro confere ao grito de necessidade a dimensão de um desejo.

que o sujeito reencontre este momento privilegiado, no qual por um instante atinge esta identificação sempre procurada e sempre fugaz, onde ele é, o sujeito, reconhecido pelo outro como objeto de seu mais profundo desejo, mas onde, ao mesmo tempo, graças ao gozo do outro, ele pode reconhecê-lo como aquele que o constitui enquanto significante fálico. Neste instante único, durante um momento fugidivo, demanda e desejo podem coincidir, e isto é o que dá ao ego este desabrochar identificatório do qual o gozo tira sua fonte.

O que não se pode esquecer é que, se neste instante demanda e desejo coincidem, o gozo em si mesmo traz no entanto a mais profunda fonte de insatisfação. Pois, se

o desejo é antes de tudo desejo de continuidade, o gozo é por definição algo instantâneo: é aquilo que faz com que imediatamente se restabeleça a distância entre desejo e demanda, que se restabeleça igualmente a insatisfação, a qual é também prova da perenidade da demanda.

Mas se existem simulacros de angústia, há mais simulacros ainda de gozo: pois, para que seja possível esta situação identificatória, fonte do verdadeiro gozo, é preciso que os dois parceiros tenham evitado o obstáculo maior que os espreita. Este obstáculo é que um dos dois ou ambos tenham permanecido fixados no objeto parcial. Ou seja, uma relação dual onde eles, enquanto sujeitos, não têm lugar. Tudo o que está ligado à castração mostramos que, longe de expressar o temor da separação (mesmo se é assim que o sujeito o pode verbalizar), na castração o temor é que lhe deixem o pênis e lhe cortem todo o resto: isto é, que se queira o seu pênis ou o objeto parcial, suporte e fonte de prazer, e que ele seja negado e desconhecido enquanto sujeito. É por isso que não somente a angústia tem relações estreitíssimas com o gozo, mas que uma das situações mais facilmente ansiógenas é aquela na qual o sujeito e o Outro têm que se enfrentar no plano do gozo.

Objeto parcial e identificação: o modelo oral

Vamos agora tentar ver quais são os obstáculos que o sujeito pode encontrar neste plano: eles representam exatamente as fontes de toda angústia. Para isto, vamos nos reportar ao que chamamos as

relações de objeto pré-genitais, a esta época mais do que todas determinante para o destino do sujeito, onde a mediação entre o sujeito e o Outro, entre demanda e desejo, faz-se ao redor deste objeto cujo lugar e cuja definição permanecem muito ambíguos, e que é chamado de *objeto parcial*.

A relação entre o sujeito e este objeto parcial não é outra coisa senão a relação do sujeito com seu próprio corpo, e é a partir desta relação, que permanece fundamental para todo humano, que se origina e se modela toda a gama do que está incluído no termo "relação de objeto".

Quer nos detenhamos na fase oral, na fase anal ou na fálica, encontramos as mesmas coordenadas. Se escolho a fase oral, é simplesmente porque, para o psicótico, do qual falaremos em seguida, ela me parece ser o momento fecundo do que, em outra ocasião, chamei de *abertura da psicose*.

Pelo que podemos defini-la? Por uma demanda que, desde o início, é demanda de outra coisa; também por uma resposta que não apenas e de modo evidente é resposta a outra coisa, mas - e este é um ponto que me parece muito importante - que confere a um grito, talvez a um apelo, o sentido de demanda e de desejo. Quando a mãe responde aos gritos da criança, ela os reconhece e os constitui como demanda; mas o mais grave é que ela os interpreta no plano do desejo - desejo da criança de tê-la por perto, desejo de lhe tomar alguma coisa, desejo de agredi-la, pouco importa. O certo é que, por sua resposta, o Outro vai dar dimensão de desejo ao grito de necessidade; e este desejo do qual a criança é investida é sempre, no início, resultado de uma interpretação subjetiva, função apenas do desejo materno, do próprio fantasma da mãe.

O sujeito faz sua entrada no mundo do desejo pelo viés do inconsciente do Outro; a partir disto,

seu próprio desejo precisa constituir-se como resposta - como aceitação ou como recusa de assumir o lugar que o inconsciente do Outro lhe designa. Parece-me que o primeiro tempo do mecanismo-chave da relação oral, que é a identificação projetiva, parte da mãe: há uma primeira projeção no plano do desejo que vem dela. A criança terá que se identificar a esta projeção ou a combater, negando uma identificação passível de ser sentida como determinante.

Neste primeiro estágio da evolução humana, está também a resposta que poderá proporcionar ao sujeito a descoberta do que sua demanda esconde. A partir deste momento, o gozo, que não espera a organização fálica para entrar em jogo, ganhará este aspecto de revelação que conserva para sempre. Pois se a frustração é o que significa ao sujeito a distância que existe entre necessidade e desejo, o gozo, pelo caminho inverso, e respondendo a isto que não estava formulado, revela-lhe o que está além da demanda, isto é, o desejo. Ora, o que vemos na relação oral? Antes de mais nada, que demanda e resposta significam-se para os dois parceiros em torno da relação parcial boca-seio. Este nível, podemos chamá-lo de *significado*: a resposta vai provocar no nível da cavidade oral uma atividade de absorção, fonte de prazer; um objeto externo, o leite, vai tornar-se substância própria, corporal; é daí que a absorção tira sua importância e sua significação.

A partir desta primeira resposta, é a procura desta atividade de absorção, fonte de prazer, que vai se tornar o alvo da demanda. Quanto ao desejo, será preciso procurá-lo em outro lugar, embora seja a partir desta mesma resposta, desta mesma experiência de satisfação da necessidade, que ele vai se constituir. Com efeito, se a relação boca-

seio e a atividade absorção-nutrição são o numerador da equação que representa a relação oral, há também um denominador: o que coloca em causa a relação criança-mãe. E é aí que se pode situar o

Todo e qualquer significado se engendra na frustração - distância entre demanda e desejo.

desejo. Penso que a atividade de amamentar - em função do investimento recíproco do qual ela é objeto, por causa do contato e das experiências no nível do corpo em sentido amplo, e devido à sua própria repetição - permite à criança viver a fase fundamental e essencial do estágio oral. É preciso lembrar que este é o caso mais visível da veracidade do provérbio que diz: "a maneira de dar vale mais do que o que se dá". Graças a esta maneira de dar, em função do que ela lhe revelará do desejo materno, a criança vai captar a diferença entre dom de alimento e dom de amor.

Paralelamente à absorção do alimento, veremos se organizar no denominador de nossa equação a absorção, ou melhor, a introjeção de um significante relacional. Isto é, paralelamente à absorção nutritiva, haverá introjeção de uma relação fantasmática, na qual a criança e o outro serão representados por seus

desejos inconscientes. Ora, se o numerador pode facilmente ser investido de um sinal + [positivo], o denominador pode, no mesmo momento, ser investido do sinal - [negativo]. É esta diferença de sinal que dá ao seio seu lugar de significante, porque é exatamente desta distância entre demanda e desejo, a partir deste lugar de onde surge a frustração, que se engendra todo e qualquer significativo.

A partir desta equação, que *mutatis mutandis* poder-se-ia reconstituir para as diferentes fases da evolução do sujeito, quatro eventualidades são possíveis: elas resultam naquilo a que se chama a normalidade, a neurose, a perversão e a psicose.

Tentarei esquematizá-las, é claro que as simplificando de modo um pouco caricatural, para discernir as relações existentes em cada caso entre identificação e angústia.

Normalidade/neurose

A primeira destas vias é, sem dúvida, a mais utópica: imaginemos que a criança possa encontrar no dom do alimento o dom de amor desejado. O seio e a resposta materna poderão então tornar-se símbolos de outra coisa; a criança entrará no mundo simbólico, poderá aceitar o desfiladeiro da cadeia significante. A relação oral, enquanto atividade de absorção, poderá ser abandonada e o sujeito evoluirá rumo a uma solução normativa. Mas para que a criança possa assumir esta castração, para que possa renunciar ao prazer que lhe é oferecido pelo seio em função deste pequeno bilhete, deste contrato aleatório sobre o futuro, é necessário que a mãe tenha podido assumir sua própria castração. É preciso que desde este momento, desde esta relação dita

dual, o terceiro termo, o pai, esteja presente enquanto referência materna. Somente neste caso o que ela vai buscar na criança não será uma satisfação no nível da erogeneidade corporal, o que tornaria esta criança um equivalente fálico, mas sim uma relação que, em constituindo-a como mãe, reconhece-a na mesma medida, como *mulher do pai*.

O dom de alimento será então, para ela, o puro símbolo de um dom de amor. E justamente porque este dom de amor não será o dom fálico desejado pelo sujeito, a criança poderá manter sua relação com a demanda. Irá procurar o falo em outro lugar, e entrará no complexo de castração, único capaz de lhe permitir identificar-se com outra coisa que não um \$.

A segunda eventualidade é aquela em que, para a própria mãe, na castração, algo permaneceu mal assumido. Então, qualquer objeto capaz de ser para o outro fonte de prazer e alvo de demanda corre o risco de se tornar para a mãe o equivalente fálico que ela deseja. Mas, na medida em que o seio só tem existência privilegiada em função daquela para quem ele, seio, é indispensável (ou seja, a criança), vemos se formar a equivalência criança/falo, que está no centro da gênese da maior parte das estruturas neuróticas. No decorrer de sua evolução, o sujeito irá defrontar-se constantemente com o dilema "ser ou ter o objeto" corporal, seio, pênis, falo, que se torna portanto o suporte fálico. Ele irá identificar-se com aquele que o tem, mas, por não ter podido ultrapassar o estágio do suporte natural e não ter podido chegar ao simbólico, o *ter* significará sempre para ele *um ter castrado o Outro*. Ou então, o sujeito renunciará a tê-lo; se identificará ao falo enquanto objeto do desejo do outro, mas terá então que renunciar a ser, ele, o sujeito do desejo. Este conflito identificatório entre *ser o agente da castração* ou o *sujeito que a sofre* é o que define esta alternância contínua, esta questão

sempre presente no nível da identificação, que clinicamente se chama uma neurose.

Perversão

A terceira eventualidade é aquela que encontramos na perversão. Esta última foi definida como o negativo da neurose; nós encontramos esta posição estrutural no nível da identificação. O perverso é aquele que eliminou o conflito identificatório; no plano que escolhemos, o oral, diremos que na perversão o sujeito se constitui como se a atividade de absorção tivesse como único fim fazer dele o objeto que permite ao Outro um gozo fálico. O perverso não tem e não é o falo: ele é este objeto ambíguo que serve a um desejo que não o seu. Pode tirar seu gozo unicamente desta situação estranha, na qual a única identificação que lhe resta é aquela que o faz identificar-se, nem com o Outro nem com o falo, mas com este objeto cuja atividade permite o gozo a um falo do qual, em definitivo, ele ignora a quem pertence. Poder-se-ia se dizer que o desejo do perverso é responder à demanda fálica. Para tomar um exemplo banal, diria que o gozo do sádico necessita, para surgir de um Outro para quem, em se fazendo chicote, o prazer possa manifestar-se.

Falei de demanda fálica, o que é um jogo de palavras, porque para o perverso o outro tem existência apenas enquanto suporte quase anônimo de um falo para o qual ele cumpre seus ritos sacrificiais. A resposta perversa traz sempre consigo uma negação do outro enquanto sujeito; a identificação perversa se faz sempre em função do objeto fonte de gozo para um falo tão poderoso quanto fantasmático.

Queria dizer mais uma palavra sobre a perversão em geral. Não penso que seja possível defini-la se ficarmos no plano que se poderia chamar, entre aspas, "sexual", embora seja a isto que nos parecem conduzir as visões clássicas sobre o

A relação entre o ego e sua identificação é o que marca a normalidade, a neurose ou a perversão.

assunto. A perversão é - e nisso parece-me que permaneço muito próxima das opiniões de Freud - uma perversão no nível do gozo, pouco importando a parte do corpo acionada para obtê-lo. Partilho da desconfiança de Lacan sobre o que se chama a genitalidade: é muito perigoso fazer análise anatômica. O coito anatômica mais normal pode ser tão neurótico ou tão perverso quanto o que se chama pulsão pré-genital: o que marca a normalidade, a neurose ou a perversão só pode ser visto no nível da relação entre o ego e sua identificação, a qual permite ou não o gozo.

Se quisermos restringir o diagnóstico de perversão somente aos perversos sexuais, não somente não chegaremos a coisa alguma - pois um diagnóstico puramente sintomático nunca quis dizer nada - mas ainda seremos obrigados a reconhecer

que há bem poucos neuróticos que escaparão a tal diagnóstico. A solução tampouco pode ser encontrada no nível de uma culpabilidade da qual o perverso estaria isento: não há, ao menos segundo meu conhecimento, ser humano feliz o bastante para ignorar o que é a culpabilidade. A única maneira de se aproximar da perversão é tentar defini-la onde ela está, ou seja, no

tendo recebido ou dado, estando seguro que alguém o ama, é num outro tipo de relação com o mesmo objeto que ele buscará o gozo; e quer esta relação se faça oral, anal ou vaginalmente, ele não será perverso no sentido que estou caracterizando, e que me parece o único capaz de evitar que se coloque a etiqueta "perverso" num grande número de neuróticos ou num grande número de nossos semelhantes.

O sadismo torna-se uma perversão quando a palmada não é mais buscada ou dada como sinal de amor, mas quando, enquanto tal, ela é assimilada pelo sujeito à única possibilidade existente de fazer gozar um falo; e a vista deste gozo torna-se a única via oferecida ao perverso para seu próprio gozo. Tem-se falado muito da agressividade da qual proviria o exibicionismo: mostra-se o sexo para agredir o outro, sem dúvida, mas é preciso não esquecer que o exibicionista está convencido de que esta agressão é uma fonte de gozo para o Outro.

Quando o obsessivo vive uma tendência exibicionista, pode-se dizer que tenta seduzir o outro: mostra o que ele pensa que o outro não tem e cobiça. Mostra, de fato, algo que para ele tem as relações mais estreitas com a agressividade. Pensem no que se passa com o Homem dos Ratos: o gozo do pai morto é a última de suas preocupações. Mas mostrar ao pai morto aquilo que o Homem dos Ratos pensa que este pai morto iria desejar arrancar-lhe fantasmaticamente, eis algo que se chama agressividade. Desta agressividade o obsessivo tira seu gozo.

Somente através de um gozo alheio é que o perverso encontra o seu. A perversão é justamente isto: esta caminhada em zigue-zague,

este rodeio que faz com que seu ego esteja sempre, o que quer que faça, a serviço de um poder fálico anônimo; pouco lhe importa quem é o objeto. Basta que este seja capaz de gozar, que possa funcionar como suporte deste falo face a quem ele se identificará; identificação, é claro, com o objeto imaginado como capaz de proporcionar o gozo a este falo. Por isso, contrariamente ao que se vê na neurose, a identificação perversa - com seu tipo de relação de objeto - é algo que impressiona pela estabilidade e pela unidade.

Chegamos agora, à quarta eventualidade, a mais difícil de compreender: a psicose.

Psicose

O psicótico é um sujeito cuja demanda jamais foi simbolizada pelo Outro. Para ele, real e simbólico, fantasma e realidade, jamais puderam ser delimitados, porque ele não pôde aceder a esta terceira dimensão, a única que permite esta diferenciação indispensável entre os dois níveis, ou seja, o imaginário. Mas aqui, mesmo tentando simplificar ao máximo as coisas, somos obrigados a situar-nos bem no início da história do sujeito, antes da relação oral, isto é, no momento da concepção.

A primeira amputação sofrida pelo psicótico passa-se antes de seu nascimento: ele é, para sua mãe, objeto do próprio metabolismo dela; a participação paterna, inaceitável, é negada por ela. Ele é, a partir deste momento e durante toda a gestação, o objeto parcial que veio preencher uma falta fantasmática no nível do corpo materno. E, desde o nascimento da criança, o papel que a mãe lhe designa será o de prova da negação de sua castidade. A criança, contrariamente ao que se diz com frequência, não é o falo da mãe; é o testemunho que o *seio* é o falo, o que não é a mesma

Na psicose, a criança é testemunha de que o *seio* é o falo.

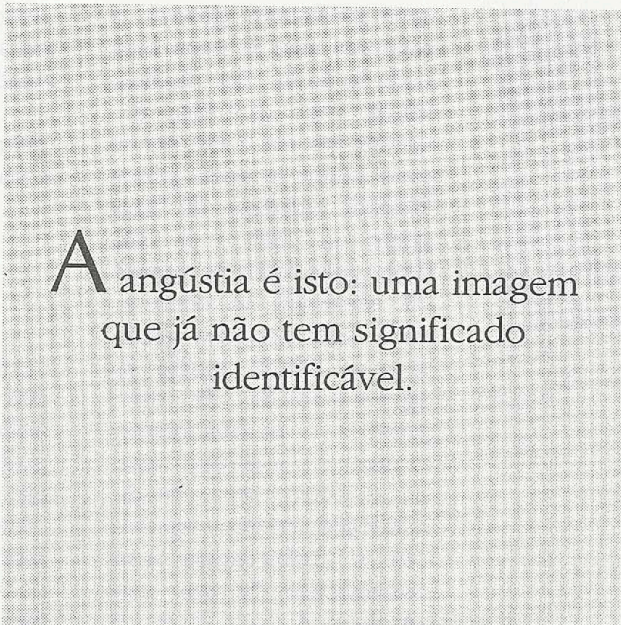
nível de um comportamento relacional. O obsessivo está longe de poder sempre desconhecer ou manter à distância o sadismo: o que este significa para o obsessivo é bem a persistência do que se chama uma relação anal, ou seja, uma relação onde se trata de possuir ou de ser possuído, uma relação onde o amor que se experimenta ou do qual se é objeto só pode ser significado para o sujeito em função desta possessão, que pode justamente ir até a destruição do objeto. O obsessivo, poder-se-ia dizer, é aquele que verdadeiramente castiga bem porque ama bem; ele é aquele para quem a palmada do pai conservou a marca privilegiada de seu amor, e que procura sempre alguém a quem a dar ou de quem a receber. Mas,

coisa. E, para que o seio seja o falo, e um falo todo-poderoso, é preciso que a resposta que ele traz seja perfeita e total. A demanda da criança não poderá ser reconhecida como nada além da demanda de alimento. A dimensão "desejo", no nível do sujeito, deve ser negada; e o que caracteriza a mãe do psicótico é a interdição total feita à criança de ser o sujeito de qualquer desejo.

Vê-se, a partir deste momento, como vai se constituir para o psicótico sua relação particular com a palavra, como, desde o início, lhe será impossível manter sua relação com a demanda. Com efeito, se a resposta jamais se dirige a ele exceto enquanto boca a nutrir, enquanto objeto parcial, compreende-se que para ele a demanda, no momento mesmo de sua formulação, traga consigo a morte do desejo. Por não ter sido simbolizado pelo Outro, o sujeito fará coincidir, na resposta, o simbólico e o real. Uma vez que o que ele demanda é o alimento que lhe é dado, o alimento enquanto tal se tornará para ele o significante-chave. O simbólico, a partir deste momento, fará irrupção no real; em vez de o dom de alimento encontrar seu equivalente simbolizado no dom de amor, para ele qualquer dom de amor só poderá ser significado por uma absorção oral. Amar o outro ou ser amado por ele se traduzirá para este sujeito em termos de oralidade: absorver ou ser absorvido. Haverá para ele sempre uma contradição fundamental entre demanda e desejo: pois, ou bem ele mantém sua demanda, e essa demanda o destrói enquanto sujeito de um desejo, devendo ele alienar-se enquanto sujeito para se fazer boca, objeto a nutrir; ou bem ele procurará constituir-se enquanto sujeito, como puder, e será então obrigado a alienar a parte corporal dele mesmo que é

fonte de prazer e lugar de uma resposta incompatível, para ele, com qualquer veleidade de autonomia.

O psicótico está sempre obrigado a alienar o corpo enquanto suporte de seu ego, ou a alienar uma parte corporal enquanto suporte de uma possibilidade de gozo. Se não emprego aqui o termo identificação, é que justamente acredito que, na psicose, ele não é aplicável: a identificação, na minha



A angústia é isto: uma imagem que já não tem significado identificável.

óptica, implica a possibilidade de uma relação de objeto na qual o desejo do sujeito e o desejo do Outro estejam em situação conflituosa, mas existentes enquanto *dois* pólos constitutivos da relação.

Na psicose, é no nível da relação fantasmática do sujeito com seu próprio corpo que seria preciso definir o Outro e o seu desejo. Não o farei aqui; isto nos afastaria do nosso assunto, que é a angústia. Contrariamente ao que se poderia crer, é dela que tenho falado ao longo de toda esta exposição. Como disse no início, é somente a partir dos parâmetros da identificação que me parece possível atingi-la.

Ora, o que vimos? Que seja no sujeito dito normal, no neurótico ou no perverso, qualquer tentativa de

identificação pode-se fazer somente a partir do que ele imagina (tanto faz se é verdadeiro ou falso) sobre o desejo do Outro. Quer se tome o sujeito dito normal, o neurótico ou o perverso, vocês viram que se trata sempre de se identificar *em função do que* ou *contra o que* ele pensa ser o desejo do Outro. Contanto que este desejo possa ser imaginado, fantasmado, o sujeito vai encontrar nele as referências necessárias para se definir a si próprio enquanto objeto do desejo do Outro, ou enquanto objeto que se recusa a este papel. Nos dois casos, o sujeito é alguém que pode se definir, se orientar.

Mas a partir do momento em que o desejo do Outro se torna algo misterioso, indefinível, o que se revela ao sujeito é que justamente esse desejo do Outro era aquilo que o constituiria enquanto sujeito. O que ele encontrará, o que se revelará neste momento frente a este vazio, é seu fantasma fundamental: ser o objeto do desejo do Outro não é uma situação sustentável, a menos que possamos nomear este desejo e modelá-lo em função de nosso próprio desejo.

Tornarmo-nos objeto de um desejo ao qual não podemos mais dar nome, porém, é tornarmo-nos nós mesmos um objeto sem nome, que perdeu toda identidade possível. É tornarmo-nos um objeto cujas insígnias não têm mais sentido, já que são indecifráveis para o Outro; este momento preciso no qual o ego se reflete num espelho, mas este lhe reenvia uma imagem que já não tem significado identificável - a angústia é isto. Chamando-a oral, anal ou fática, não fazemos mais do que tentar definir quais eram as insígnias com que o ego se paramentava para se fazer reconhecer. Se somente nós, analistas, enquanto aquele que

aparece no espelho, podemos fazer este reconhecimento, é que somos os únicos a poder ver de que tipo são estas insígnias que nos acusam de não mais reconhecer. Isto porque, como dizia no início, a angústia é o afeto que mais facilmente provoca uma resposta recíproca: é exatamente a partir deste momento que nos tornamos para o Outro aquele cujas insígnias são também

Na angústia, o Outro - como suporte identificatório - também se dissolve.

misteriosas, também não-humanas. Na angústia, não é somente o ego que se dissolve: é também o Outro enquanto suporte identificatório.

Neste mesmo sentido, localizo minha posição afirmando que o gozo e a angústia são as duas posições extremas onde o ego pode se situar. Na primeira, o ego e o Outro, por um instante, trocam suas insígnias, reconhecem-se como dois significantes, cujo gozo partilhado assegura durante um instante a identidade dos desejos. Na angústia, o ego e o Outro dissolvem-se; são anulados numa situação na qual o desejo se perde por não poder ser nomeado.

Se agora, para concluir, passarmos à psicose, veremos que as coisas são um pouco diferentes. Cer-

tamente, aqui também a angústia é simplesmente o sinal da perda para o ego de toda referência possível. Mas a fonte de onde nasce a angústia é aqui endógena: é o lugar de onde pode surgir o desejo do sujeito, e para o psicótico, seu desejo é a fonte privilegiada de toda angústia.

O Outro nos constitui nos reconhecendo como objeto de desejo; sua resposta é que nos faz tomar consciência da distância existente entre demanda e desejo, e é por esta brecha que entramos no mundo dos significantes. Para o psicótico contudo, este Outro é aquele que sempre o significou como *outra coisa*, um buraco, um vazio bem no centro de seu ser. A proibição de desejar que lhe foi imposta fez com que sua resposta lhe fizesse apreender não uma distância, mas uma antinomia fundamental entre

demanda e desejo. E nesta distância, que não é uma brecha mas um abismo, o que surge não é o *significante*, mas o *fantasma*; é isto que provoca a telescopagem entre simbólico e real a que chamamos psicose.

Para o psicótico - e peço desculpas por ater-me a meras fórmulas - o Outro é introjetado no nível de seu próprio corpo, no nível de tudo o que envolve esta abertura primeira, a única que o designa enquanto sujeito. A angústia está para ele ligada a estes momentos específicos nos quais, a partir desta abertura, aparece alguma coisa que poderia se chamar desejo. Pois, para que o possa assumir, é preciso que o sujeito aceite situar-se no único lugar de onde pode dizer "eu"; isto é, que ele se identifique com esta

abertura que, em função da interdição do Outro, é o único lugar onde ele é reconhecido como sujeito. Qualquer desejo só pode remetê-lo a uma negação dele mesmo ou a uma negação do Outro.

Mas, na medida em que o Outro tiver sido introjetado no nível de seu próprio corpo, esta introjeção é a única coisa que lhe permite viver. Disse em outro momento que, para o psicótico, a única possibilidade de se identificar a um corpo imaginário unificado seria a de se identificar à sombra que, diante dele, projetaria um corpo que não o seu. Toda negação do Outro será para ele o equivalente de uma auto-mutilação, que em qualquer circunstância o remeterá ao seu próprio drama fundamental.

No neurótico, é a partir de nosso silêncio que podemos achar as fontes desencadeadoras de sua angústia; no psicótico, é a partir de nossa palavra, de nossa presença. Tudo o que puder lhe fazer perder a consciência de que existimos como diferentes dele, enquanto sujeitos autônomos, e que por isso mesmo podemos reconhecê-lo como sujeito, torna-se capaz de desencadear sua angústia. Enquanto *fala*, ele só repete um monólogo que nos situa no nível deste Outro introjetado que o constitui. Mas se conseguir *falar conosco*, se pudermos enquanto objeto tornarmos-nos o lugar onde ele pode reconhecer seu desejo, então veremos desencadear-se sua angústia. Pois desejar é ter se constituído como sujeito, e para ele, o único lugar onde pode fazer isto é o que o joga novamente em seu abismo.

Em conclusão

Em conclusão, vocês vêem que é possível dizer que a angústia aparece no momento em que o desejo faz do sujeito algo que é uma falta de ser, uma falta de se nomear. Há um ponto do qual não tratei e

que lamento ter que deixar de lado: ele é fundamental para mim e eu apreciaria ter podido falar dele. Infelizmente, para que eu pudesse incluí-lo, seria necessário ter maior domínio sobre o tema que tentei abordar. Refiro-me ao fantasma.

Ele também está intimamente ligado à identificação e à angústia, a tal ponto que se poderia dizer que a angústia aparece no momento no qual o objeto real não pode mais ser apreendido, a não ser na sua significação fantasmática. Isto porque, a partir deste momento, dissolve-se toda identificação possível do ego: aí aparece a angústia.

Se é a mesma história, não é o mesmo discurso, e por hoje, pararei por aqui. Mas, antes de concluir este discurso, gostaria de trazer um exemplo clínico muito curto sobre as fontes da angústia no psicótico.

Não direi nada da história, exceto que se trata de um grande esquizofrênico, delirante, internado diversas vezes. As primeiras sessões são uma exposição de seu delírio, delírio bastante clássico: é o que ele chama "problema do homem-robô".

Depois, numa sessão na qual como por acaso se trata do problema do contato e da fala, ele explica-me que o que não pode suportar é a "forma da demanda", que o "aperto de mão é um progresso sobre as civilizações de saudação verbal, onde a palavra falseia as coisas, impede a correspondência, onde a palavra é como uma roda que gira e onde cada um veria uma parte da roda em momentos diferentes, e então, quando alguém tenta se comunicar, isto fica totalmente falso, há sempre um diálogo".

Nesta mesma sessão, no momento no qual aborda o problema da fala da mulher, ele me diz de

repente: "o que me inquieta é o que me disseram sobre os amputados: que eles sentiriam coisas através do membro que já não têm mais". E, neste momento, este homem - cujo discurso guarda na sua forma delirante uma precisão e uma exatidão matemáticas - começa a procurar as

A imagem no espelho pode ser o do vazio que torna impossível o reconhecimento recíproco.

palavras, a se confundir. Diz que não pode mais acompanhar seus pensamentos; e finalmente, pronuncia esta frase que acho verdadeiramente forte quanto ao que é, para o psicótico, sua imagem do corpo: "um fantasma seria um homem sem membros e sem corpo que, com sua inteligência apenas, perceberia sensações falsas de um corpo que não tem. Isto, isto me preocupa tremendamente".

"Perceberia sensações falsas de um corpo que não tem": esta frase vai encontrar seu sentido na sessão seguinte, quando o paciente vem me ver para dizer que quer interromper as sessões, que não era mais suportável, que era malsão e perigoso. E o que é malsão e perigoso, o que suscita uma angústia que durante toda esta sessão se fará fortemente sentir, é "que eu me dei

conta que você quer me seduzir, e que você conseguiria". Aquilo de que ele se deu conta é que, a partir destas "sensações falsas de um corpo que ele não tem", poderia surgir seu desejo. E então, ele iria reconhecer, assumir esta falta que é seu corpo; iria ver aquilo que, não tendo podido ser simbolizado, não é suportável para o homem: a castração enquanto tal.

Ainda nesta mesma sessão, dirá melhor do que eu jamais poderia fazê-lo, onde está para ele a fonte da angústia: "Você tem medo de olhar num espelho, pois o espelho muda segundo os olhos que o olham. Não se sabe muito o que se vai ver. Se você comprar um espelho dourado é melhor...". Tem-se a impressão de que ele quer se assegurar de que as mudanças sejam do *espelho*.

Vocês vêem: a angústia aparece no momento no qual ele teme que eu possa tornar-me um objeto de desejo. Pois, a partir deste momento, o surgimento de seu desejo implicaria, para ele, a necessidade de assumir o que chamei a falta fundamental que o constitui.

A partir deste momento, a angústia surge: sua posição de fantasma, de robô, não é mais sustentável. Ele corre o risco de não mais poder negar suas "sensações falsas de um corpo que não pode reconhecer". O que provoca sua angústia é exatamente o momento preciso no qual, face à irrupção de seu desejo, ele se pergunta qual imagem dele próprio o espelho vai lhe devolver. Sabe que esta imagem pode muito bem ser a da falta, a do vazio, daquilo que torna impossível qualquer reconhecimento recíproco. Nós, espectadores e atores involuntários do drama, chamamos esta imagem: *angústia*.